

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 11, 2022

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores:

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

ARTIGOS

1.Por uma metodologia de base ecológica no estudo da linguagem, por Mark Garner..... 3

2.A proposta do gaiaceno de Peter Finke e algumas de suas implicações, por Hildo Honório do Couto14

SIMPÓSIOS E PALESTRAS16

EVENTOS17

1. ARTIGOS

POR UMA METODOLOGIA DE BASE ECOLÓGICA NO ESTUDO DA LINGUAGEM*

Mark Garner

University of Roehampton, Londres

Nas últimas décadas, a ecologia se expandiu muito além de suas origens na biologia e foi adotada como um paradigma intelectual por pesquisadores e teóricos em disciplinas tão diversas quanto teologia e economia, psicologia e química (HAYWARD, 1995). Uma proposta de aplicar a ecologia como metáfora no estudo da linguagem foi apresentada pela primeira vez por Haugen (1972), cujo foco estava em comunidades multilíngues. Sua sugestão não foi amplamente aceita por algum tempo, em grande parte porque ele descreveu a ecologia como uma 'metáfora' (embora a tenha aplicado mais como uma analogia). Ele não percebeu que havia uma contradição inerente em sua formulação dessa metáfora (GARNER, 2005). No entanto, vários pesquisadores viram algo positivo em uma visão ecológica da linguagem (por exemplo, MACKEY, 1980; HAARMANN, 1986; NELDE, 1989; FILL; MÜHLHÄUSLER, 2002; GARNER, 2004), representando uma mudança de paradigma altamente produtiva. Apesar desse interesse, o pensamento ecológico permaneceu um tanto marginal nos estudos da linguagem, em parte porque é um sério desafio a crenças antigas e profundamente arraigadas sobre a natureza da própria linguagem, que não relativiza os modos estabelecidos de erudição e pesquisas na área.

O termo “ecolinguística” e variantes como “ecologia da língua” e “ecologia da linguagem” são aplicados a uma variedade de abordagens para entender a linguagem, e não há um acordo geral sobre o foco e abrangência da abordagem. Esses termos ainda são aplicados principalmente ao estudo do multilinguismo social, e as implicações teóricas e metodológicas mais gerais de uma visão ecológica da linguagem permaneceram pouco exploradas. Isso é lamentável, pois há possibilidades importantes de contribuir com uma compreensão profunda do papel da linguagem na socialidade humana. Se os estudiosos de orientação ecológica puderem esclarecer os conceitos-chave a serem estudados e desenvolver novos modelos teóricos para incorporá-los, há perspectivas animadoras para que o pensamento ecológico se torne a norma na linguística teórica e aplicada no futuro.

Até o presente momento, as discussões sobre ecologia linguística na literatura acadêmica foram conduzidas em grande parte em um nível conceitual. Meu foco neste artigo não está na estrutura teórica da ecolinguística (ecologia da linguagem etc.). Em vez disso, ele é metodológico: explorar algumas implicações de uma perspectiva ecológica para a maneira como os dados linguísticos são coletados, descritos e analisados. O enorme potencial do pensamento ecológico para transformar nossa compreensão da linguagem permanecerá apenas isso (potencial) até que haja um corpo substancial de pesquisas empíricas para informar e testar os vários modelos teóricos. Isso exigirá uma metodologia de base ecológica (abreviada como MBE a seguir) clara e robusta para orientar essa pesquisa. Ainda é necessário muito trabalho teórico e prático para se chegar a uma MBE. O objetivo deste artigo é simplesmente contribuir para o início desse processo. A discussão consiste principalmente em propostas provisórias. Espera-se que elas inspirem os interessados em uma ecologia da linguagem a responder de forma rigorosa e profunda às questões teórico-metodológicas. Uma metodologia bem

formulada e sistemática é essencial para que a linguística se torne, como alguns de nós acreditam que deve ser, uma disciplina científica genuinamente ecológica.

Não estamos partindo de uma tela vazia, uma *tabula rasa*. É importante reconhecer que, no âmbito das muitas subdisciplinas da linguística aplicada, sociolinguística e análise do discurso, muitas pesquisas incorporam alguns elementos metodológicos derivados de uma perspectiva ecológica. No entanto, muitas vezes esses elementos não estão explicitamente relacionados à teoria ecológica. Os pesquisadores dessas disciplinas tendem a trabalhar em relativo isolamento, com pouco reconhecimento do fato de que qualquer estudo é uma parte do conjunto extraordinariamente complexo da análise da linguagem.

Como a metodologia pode ser de base ecológica?

Quando propôs o conceito de ecologia em 1866, Haeckel argumentou que a biologia deve abandonar a abordagem da ciência iluminista, que via o mundo como atomístico e mecanicista.

O estudo adequado da natureza envolve a totalidade das relações dos organismos com o mundo externo... as relações recíprocas de todos os organismos que vivem no mesmo local” (HAECKEL, *apud* HAYWARD, 1995, p. 26).

Nessa ontologia, os elementos constituintes são fluidos, com características mutáveis decorrentes do dinamismo do sistema do qual fazem parte.

O pensamento ecológico se ocupa de sistemas complexos. Baseia-se na premissa de que somente através da compreensão da complexidade, diversidade e inter-relações, em vez de entidades fixas e isoladas, podemos entender adequadamente nosso mundo (HAYWARD, 1995). A linguagem é um bom exemplo de um sistema complexo. É um elemento fundamental e indispensável da socialidade humana, sem o qual jamais poderíamos nos desenvolver como seres humanos plenos. Isso é evidenciado pelos poucos e tristes exemplos conhecidos de crianças sem contato com outros humanos, como o Menino Selvagem de Aveyron (LANE, 1976). A socialidade depende da e dá origem à intersubjetividade, que é criada e manifestada por meio da comunicação interpessoal, profundamente enraizada na comunidade e na cultura. Sem a interação desses elementos, a vida humana como a conhecemos seria impossível. Qualquer que seja a forma específica que uma MBE possa assumir, ela deve se basear no fato de que comunicação, comunidade e cultura estão inextricavelmente interligadas. É claro que é impraticável analisar tudo isso em profundidade ao mesmo tempo, mas, é legítimo tratá-los como socialidade humana vista de três ângulos diferentes. Qualquer análise será, portanto, parcial e precisará incluir explicitamente uma declaração sobre os elementos do contexto mais amplo que não foram focalizados.

Isso representa um afastamento teórico e metodológico radical da linguística tradicional. A suposição básica em linguística era, e em muitos casos ainda é, que a língua é uma entidade autônoma com uma forma que, vista em qualquer momento, é estável, embora mude gradualmente ao longo do tempo. A suposição é que esta entidade compreende blocos de construção básicos (morfemas, lexemas etc.) que são combinados de acordo com regras especificáveis em uma variedade quase ilimitada de estruturas. Na sugestão original de Haugen de usar a ecologia como uma metáfora não fica claro que ele estivesse ciente de quão fundamental era a mudança que isso implicava para a disciplina. Ele estava, em essência, propondo que a linguagem não é um conjunto independente de estruturas que os falantes podem usar para construir todo e qualquer evento comunicativo. Pelo contrário, é o resultado de todos os eventos comunicativos, cada um dos quais está profundamente situado. Focando nessa interação, ele disse que podemos entender quais fatores determinam qual de duas (ou mais) linguagens será

usada em um determinado contexto, o que ele considerou muito mais informativo do que uma descrição abstrata formalizada. Essa ontologia da linguística-como-ecologia foi, como observado acima, investigada por vários estudiosos. As seções seguintes discutem sua epistemologia e propõem alguns possíveis princípios para sua metodologia.

Métodos linguísticos tradicionais e MBE

O que constituirá uma MBE utilizável e válida para a análise da linguagem em geral e das linguagens específicas? Para começar a responder a essa pergunta, vamos primeiro considerar brevemente algumas maneiras pelas quais os princípios em que tal análise se baseia precisarão diferir dos da análise linguística convencional.

Faz pouco mais de cem anos que vimos a publicação do *Curso de Linguística Geral* por Ferdinand de Saussure, que é geralmente considerado o fundador da linguística moderna. O princípio orientador de Saussure era que o estudo da linguagem deveria se basear nos princípios da ciência iluminista. As consequências metodológicas de seguir esse princípio foram que a análise linguística, desde então, procedeu definindo estritamente o que deve ser estudado e removendo dele os fatores “obscuros” que estão fora dessa definição; linguagem reificada; dividindo esse ‘objeto’ em suas partes constituintes menores; e analisando essas partes mais ou menos isoladas umas das outras. Do ponto de vista ecológico, essa metodologia é altamente questionável, não porque esteja errada, mas porque é parcial. Isso foi apontado já em meados do século passado pelo filósofo espanhol Ortega y Gasset:

Há alguns anos venho pedindo uma linguística que tenha a coragem de estudar a linguagem em sua realidade integral, como se mostra quando é um discurso vivo e real, e não como um mero fragmento amputado de sua configuração completa. [...] Mas é óbvio que a linguística [...] não veio a conhecer a linguagem senão apenas como uma primeira aproximação, porque o que ela chama de 'linguagem' realmente não existe, é uma imagem utópica e artificial construída pela própria linguística (ORTEGA Y GASSET, 1963: 241-2).

O problema a que Ortega y Gasset alude surge da insistência de Saussure em que o objeto de estudo de uma linguística verdadeiramente científica é o sistema abstrato de regras subjacente (*la langue*) e não a linguagem em uso (*la parole*). Essas regras determinam claramente o que está e o que não está incluído na forma ou gramática de qualquer idioma em particular. Todas as gramáticas descritas na linguística tradicional, embora possam variar na forma como são estruturadas e apresentadas, são semelhantes na medida em que descrevem os blocos de construção da língua e a maneira adequada de encaixá-los.

Existem várias inconsistências na metodologia da linguística, em grande parte não reconhecidas, que surgem dessa orientação fundamental para a gramática. Consideremos brevemente três delas. Uma é que a linguagem é única entre todos os fenômenos da cognição e comportamento humanos: as regras gramaticais se aplicam apenas à linguagem e são irrelevantes para quaisquer outros fenômenos humanos. A suposição é que a linguagem é um sistema governado por regras conhecidas por (e, como Chomsky afirmaria mais tarde, inatas em) cada indivíduo. Portanto, a linguagem deve ser analisada independentemente de todos os outros comportamentos, incluindo as interações que conhecemos como comunicação, das quais todas são, argumenta-se, estranhas ao próprio sistema. A MBE será baseada no princípio oposto, uma vez que vê a linguagem como inextricável do contexto. A linguagem deve ser analisada juntamente com tantos outros comportamentos relevantes quanto possível para o pesquisador, deve sempre ser tratado como uma manifestação de socialidade.

A segunda inconsistência metodológica é uma contradição não resolvida. Os linguistas tradicionais, “científicos”, sempre sustentaram que seu objetivo é conceber a gramática descritiva de uma língua, simplesmente estabelecendo o sistema de regras para selecionar e combinar seus elementos básicos. Em contraste, uma gramática prescritiva inclui julgamentos de valor sobre o que é “correto”, “adequado” etc., para seus usuários falarem ou escreverem. Os linguistas rejeitam o prescritivismo e apontam corretamente que muitas regras prescritivas encontradas, por exemplo, em livros de gramática escolar são regularmente violadas até mesmo por falantes nativos altamente escolarizados. O problema, porém, é que a distinção entre descrição e prescrição na gramática não é absoluta. O próprio conceito de “regras” inclui um juízo de valor. Muito do que os usuários de uma língua realmente dizem ou escrevem quando se comunicam é excluído das gramáticas “científicas”, “descritivas” porque é “não gramatical”, isto é, não se adequa ao que o analista decidiu que são as regras da linguagem. É uma suposição razoável que o inverso também seja verdadeiro, que uma grande quantidade de enunciados ou sentenças ‘gramaticais’ nunca são usados.

Alguns linguistas tentam evitar esse dilema distinguindo entre “gramaticalidade” e “aceitabilidade”. Algo que não é ‘aceitável’ não será dito ou escrito, mesmo que possa estar de acordo com a gramática. Há uma dificuldade fundamental, no entanto, em definir o que significa “aceitável”. Huddleston (1993, p.8), por exemplo, descreve a construção

o pires riu com prazer

como ‘gramatical’, mas ‘inaceitável’, presumivelmente porque não faz sentido. Do ponto de vista ecológico, no entanto, isso é insustentável. Se essa construção for realmente inaceitável, os falantes de inglês nunca a usarão. Mas pode-se imaginar vários contextos em que poderia ser usada como um enunciado (ou sentença) comunicativo e significativo. Pode ser apropriado em um filme de realidade virtual, ou um livro infantil, por exemplo, ou pode ser usado em uma conversa para efeito humorístico. O mesmo vale para qualquer sequência “inaceitável” de palavras porque a inaceitabilidade depende fundamentalmente do contexto comunicativo. Trata-se de um fenômeno altamente complexo e dinâmico, compreendendo quem são os participantes, sua história de interação uns com os outros, suas razões para se comunicar aqui e agora, o cenário físico, os valores culturais e muito mais. Um linguista que empregue uma MBE deve reconhecer e analisar o contexto tão completamente quanto possível para o propósito imediato.

Alguns princípios de uma MBE

A linguagem é um fenômeno ecológico vasto e altamente complexo, e serão necessários muito tempo e esforço acadêmico para se desenvolver uma metodologia detalhada e sistemática para estudá-la. Argumentei acima que abordar a linguagem como um sistema governado por regras fornece uma estrutura muito restritiva para descrever sua variabilidade e complexidade como um fenômeno ecológico. Esse fenômeno é descrito com mais força e precisão como padrões aprendidos de comportamento comunicativo. Esses padrões são criados, compartilhados e transmitidos às crianças por toda a comunidade de fala. Eles são necessariamente repetidos constantemente e, portanto, são altamente previsíveis, como é demonstrado pelo surgimento nos últimos anos de recursos sofisticados de previsão de texto para computadores e telefones celulares. Mas essa repetição serve para facilitar a comunicação e não é determinada apenas, ou mesmo principalmente, por quaisquer “regras” linguísticas.

Se soubermos o suficiente sobre a situação em que ocorre um ato comunicativo, o caráter dos oradores, sua intenção comunicativa imediata, o que precedeu o ato

(incluindo o que foi dito antes pelos participantes), e assim por diante, é possível prever, com alto grau de probabilidade, as formas de linguagem que serão utilizadas. Ao mesmo tempo, porém, existe a possibilidade constante de que um falante ou escritor se desvie do padrão esperado. É isso que possibilita a criação de novos significados. Como acontece com todos os padrões, os da linguagem podem ser violados em uma dada situação (veja abaixo); eles também mudam gradualmente ao longo do tempo.

O objetivo geral de uma MBE é descrever, analisar e/ou explicar os padrões que ocorrem em qualquer situação específica de linguagem em uso. Na prática, isso requer uma ampla variedade de dados, métodos analíticos inovadores e foco analítico flexível. Isso não quer dizer que os métodos da linguística tradicional sejam inerentemente falhos em si mesmos, apenas que as análises e descobertas extraídas deles são enquadradas em uma compreensão inadequadamente restrita da natureza da linguagem. Ao desenvolver uma MBE, devemos reconhecer que muitas, talvez a maioria, das abordagens analíticas bem estabelecidas são válidas, mas limitadas, e as conclusões tiradas delas são tipicamente tão conceitualmente limitadas que são claramente enganosas.

Um aspecto desafiador de uma MBE é que há muitas informações a serem incluídas. É virtualmente impossível analisar todos os aspectos relevantes de uma breve interação. Mencionou-se acima a necessidade de um foco analítico flexível. O pesquisador deve selecionar, em qualquer base, alguns elementos específicos a serem submetidos à análise. As razões para a seleção devem ser explicitadas, juntamente com a indicação dos principais elementos que foram omitidos. Em linhas gerais, há quatro características salientes da linguagem como fenômeno ecológico que podem servir como parâmetros metodológicos para a seleção de dados para análise.

Em primeiro lugar, linguagem e meio ambiente constituem um todo intrincado e indivisível. É metodologicamente inadequado tratar uma sequência de linguagem, como um enunciado, e o contexto em que ocorre como elementos discretos. A linguagem e o ambiente são uma identidade na medida em que são um único processo comunicativo, visto de duas perspectivas diferentes. O ambiente (ou contexto) compreende muitos elementos, como as percepções dos participantes sobre o ambiente físico e uns dos outros, os recursos linguísticos que não as palavras (entonação, qualidade da voz etc.), qualquer outro meio de comunicação que possa estar disponível, como gestos, a intenção perceptível da comunicação e muitos mais.

Para analisar uma interação verbal, o pesquisador não pode simplesmente descrever o conteúdo “proposicional” das palavras e desconsiderar quaisquer elementos do cenário da interação que possam ter modificado os significados inerentes. Na realidade, os significados são criados pelos participantes à medida que a interação prossegue. Eles determinam continuamente quais aspectos do ambiente (em seu sentido mais abrangente) são relevantes para a interação em andamento (BAUMANN; BRIGGS, 1990, p. 61) e modificam ou confirmam a compreensão recíproca sobre o que está sendo dito.

Isso nos leva à segunda característica da linguagem: ela é dinâmica. Há uma suposição no “senso comum” de que quando um falante deseja expressar um significado, ele seleciona os itens apropriados e os combina em um enunciado que transmite o significado ao ouvinte. A visão de “palavras e gramática” da linguagem, juntamente com a concepção de “transmitir significado” da comunicação, dão uma imagem imprecisa e inteiramente enganosa do que acontece em qualquer interação. De fato, a forma do enunciado é criada pelo locutor, que pode simplesmente adotar um padrão e repetir mais uma vez o que costuma ser dito nesse tipo de situação, ou pode variar esse padrão da maneira que lhe parecer adequada.

Assim, o velho aforisma, “tudo o que é dito já foi dito antes” não é necessariamente exato. Cada situação é inerentemente dinâmica e, apesar da natureza altamente padronizada e formulaica da maioria das situações de linguagem em uso, sempre há a possibilidade de imprevisibilidade em cada nova interação. Um falante pode escolher a qualquer momento, e por qualquer motivo, desviar-se do padrão normal. Esse potencial é uma característica fundamental da linguagem. Os humanos não falam como papagaios. Cada enunciado, não importa quão de perto obedeça o que o ouvinte previu, não é simplesmente uma repetição sem sentido. A possibilidade de que pudesse ter sido diferente torna-o comunicativo; a escolha do falante de um padrão inteiramente previsível é em si significativa. Isso significa que devemos tratar cada enunciado em um sentido real único.

O afastar-se dos padrões aceitos assume muitas formas. Todos os falantes selecionam entre um vasto repertório de palavras e sequências mais longas para impressionar, surpreender, chocar, divertir o ouvinte. Eles também podem deliberadamente “usar mal” palavras, inventar novas palavras, quebrar padrões sintáticos familiares. Além disso, quer o falante esteja ou não consciente disso, a expressão de cada enunciado inclui meios de comunicação não verbais. Estes muitas vezes influenciam, e até determinam de forma crucial, a interpretação do ouvinte. O valor de cada fator varia de uma interação para outra e, muitas vezes, dentro de uma única interação. Seguindo uma BEM, a análise linguística deve incluir uma descrição do grau de (im)previsibilidade de determinada sequência de linguagem, juntamente com as possíveis razões para obedecer ou afastar-se do padrão básico disponível para o falante.

Em terceiro lugar, a linguagem é interativa; ela é inerentemente uma atividade social. Falar e ouvir, escrever e ler não são atividades de indivíduos isolados, mas processos que se definem mutuamente. Falar ou escrever com significado requer um ouvinte ou leitor (real ou imaginário), e *vice-versa*:

... falar e ouvir ... são ações cooperativas, como as partes de um dueto, e a linguagem que usam é uma ação conjunta, como o próprio dueto (CLARK, 1996, p. 20).

Os significados de uma interação oral ou escrita, e os enunciados ou frases que ela compreende, são compartilhados. Cada participante constrói e leva da interação sua versão do sentido, mas o trabalho de construção desse sentido foi uma ação conjunta, atribuída à linguagem pelos participantes à luz do contexto pleno de sua interação. Isso é fundamental para várias formas de análise do discurso (como análise de conversação e narrativa, algumas formas de sociolinguística e pragmática) que se desenvolveram nas últimas décadas e que têm muito a contribuir para o desenvolvimento de uma MBE. Isso porque todos eles estão focados sobretudo na construção de significados em situações específicas. Analisar processos, em vez de itens discretos, pode revelar muito sobre como os significados são negociados nas interações. Quando é apropriado analisar detalhadamente as partes constituintes de um enunciado, por exemplo, a análise é realizada no contexto de todo o evento comunicativo em que o enunciado ocorre.

Finalmente, e mais importante, a linguagem está fundamentalmente situada, o que quer dizer muito mais do que tudo acontece em algum lugar. O cenário inclui, mas se estende muito além, da localização física de uma interação comunicativa. Situação não é meramente um pano de fundo para a linguagem, mas sua própria essência. A visão da linguagem como um sistema abstrato que existe independentemente de sua configuração perde completamente o sentido. A longa tradição de tratar a linguagem como um conjunto de regras e estruturas gramaticais mostra que é possível tratar a linguagem como, por exemplo, uma sintaxe e um léxico descarnados. Mas não tem muito a nos dizer sobre a linguagem como realmente a praticamos, como a falamos, escrevemos,

lemos e ouvimos, sempre em um determinado tempo e lugar e em relação a certas outras pessoas.

Separar a linguagem da especificidade de seu contexto é ignorar sua essência (BECKER, 1991, p. 232).

À luz do que foi dito acima, seria totalmente irrealista almejar fazer uma descrição inteiramente abrangente mesmo da interação comunicativa mais sucinta. Há tantos fatores em ação e tantos imponderáveis que não podem ser resolvidos pela observação empírica. Por mais que aprofundemos nossa análise, só podemos revelar uma parte de sistema tão complexo e dinâmico como esse.

Isso significa que a teoria da ecologia da linguagem é usada para fornecer uma estrutura conceitual abrangente para vários tipos de análises localizadas. Um pesquisador que trabalha com uma MBE deve adotar um foco seletivo temporário, com o objetivo de identificar o que é de interesse específico em qualquer instância da linguagem em uso e focando na pesquisa dessa parte do todo.

É essencial reconhecer que o que está sendo analisado é apenas parte do todo, e não permitir que suposições atomísticas determinem a análise. Nessa estrutura, uma série de abordagens analíticas – incluindo as da linguística tradicional – podem ser seguidas, dependendo dos interesses particulares do linguista. Uma vez concluída a análise, o objeto específico do estudo deve, por assim dizer, ser recolocado no contexto ecológico completo. Os resultados serão relatados neste contexto e muitos outros possíveis fatores de influência não incluídos na análise serão listados e reconhecidos. Muitas publicações de pesquisa e teses terminam com uma seção (muitas vezes superficial) sobre “limitações da pesquisa”, que normalmente mencionam alguns aspectos de seu campo de investigação que não foram abordados. Uma MBE torna essas limitações centrais para as conclusões da pesquisa.

Regras de uma língua em uma MBE

Mesmo sendo inadequado tratar a linguagem como governada por regras, como foi dito acima, isso não quer dizer que as regras não existam ou não devam ser estudadas. As regras fazem parte da ecologia de qualquer língua que possa ser escrita, e possivelmente também de algumas línguas não grafizadas. Isso ocorre historicamente porque elas foram impostas aos padrões nos quais a linguagem se manifesta, para atingir objetivos específicos. Elas são praticamente essenciais, por exemplo, para ensinar e aprender uma língua estrangeira em uma aula. São cruciais no estabelecimento das línguas nacionais (GARNER, 2014). Porém, no contexto de uma MBE essas regras devem ser descritas e analisadas como uma parte importante do contexto cultural no qual a linguagem é usada. Eles não constituem a própria linguagem em si.

A linguística convencional, orientada por regras, que resultou em descrições altamente detalhadas de muitas línguas, deve ser reavaliada como um fenômeno sociocultural. Há um forte incentivo social para criar regras. Regras e protocolos são construídos por aqueles que têm autoridade para controlar vários aspectos do comportamento humano. Exemplos incluem o direito penal e civil e as regras para debates parlamentares e comportamento dos alunos na escola. Ao delegar a certos órgãos a autoridade para decidir o que é 'certo' e 'errado', aceitável e inaceitável em sua linguagem, uma comunidade ajuda a salvaguardar a previsibilidade essencial de sua linguagem e dá um sentido de continuidade e solidez aos altamente fluidos padrões comunicativos de 'enfrentamento diário' (STEWART, 1996, p. 33). Existe também um forte desejo por parte das comunidades nacionais de uniformizar e assim legitimar a sua língua oficial, nomeadamente através da sua versão formal escrita. O papel de criar as regras para a linguagem padrão tem sido historicamente desempenhado por gramáticos, lexicógrafos

e, menos comumente, por escritores e oradores altamente respeitados. Algumas comunidades nacionais reúnem os legisladores em instituições oficiais para este fim. Talvez a mais conhecida seja a Académie Française.

O terceiro problema de colocar a gramática no centro da linguística científica reside na natureza dos dados, que são essenciais para qualquer ciência empírica. Os dados nos quais as gramáticas se baseiam normalmente são derivados de duas maneiras. Muitas vezes, eles são simplesmente fornecidos pelo analista, que como um usuário altamente competente da língua assume que sabe o que é “(a)gramatical”. Isso foi explicitamente descrito como um processo metodológico importante e válido na Gramática Transformacional, mas é muito comum, embora não reconhecido, na grande maioria das publicações sobre gramática. Uma discussão detalhada da intuição como dados linguísticos pode ser encontrada em Schindler et al. (2020.)

A alternativa é derivar dos dados reais da linguagem em uso o que se vai estudar. Do ponto de vista ecológico, esta é a única fonte válida de dados para análise, pois eles surgiram no decorrer de uma comunicação genuína. As análises feitas no contexto da linguística teórica, no entanto, muitas vezes ficam aquém do ideal de uma MBE ao não incorporar todos ou a maioria dos fenômenos não linguísticos que compõem o contexto comunicativo, conforme descrito acima. O analista pode, então, identificar as partes constituintes desses dados linguísticos (fonemas, morfemas, lexemas etc.) e as regras que governam o modo como são combinados. Isso ignora todo o processo ecológico pelo qual a comunicação funciona. Dados descontextualizados são o que pode ser chamado de linguagem “virtual”, que, no sentido pleno da palavra, não tem significado. Esses dados espelham ou modelam alguns padrões da linguagem, mas são legitimamente uma parte dela.

Esta seção discutiu algumas das limitações conceituais de basear a metodologia de análise linguística no conceito de linguagem como um sistema governado por regras. Em uma visão ecológica, a linguagem ocorre quando é usada por pessoas concretas em uma situação real, para propósitos específicos e assim por diante e não deve ser substituída por ela. Os elementos individuais da linguagem e as regras que governam sua combinação não têm importância em si mesmos, mas apenas na medida em que são manifestações de todo o processo comunicativo (STEWART, 1996, p. 21; HALLIDAY, 1994). De fato, as regras linguísticas são um aspecto importante da ecologia da maioria das línguas com uma longa história de alfabetização, padronização linguística e ensino de línguas estrangeiras, mas são apenas uma parte da ecologia (GARNER, 2014). Elas não são o que constitui a língua – não são inerentes a ela –, mas foram impostas a ela ao longo da história e se tornaram parte de uma tradição cultural e educacional que influencia o uso real de muitas pessoas.

Uma MBE deve permitir que o analista se concentre na compreensão da natureza e do funcionamento de uma linguagem por meio do estudo de interações humanas significativas, que são caracterizadas por diversidade, variação e totalidades complexas (GARNER, 2005, p. 96). É claro, no entanto, que é inteiramente impraticável incluir tudo o que é relevante em qualquer descrição e análise ecológica. Mesmo que o pesquisador tivesse tempo e capacidade para fazê-lo, o resultado quase certamente seria tão intrincado e complexo que ninguém seria capaz de entendê-lo.

Conclusão

Dado que os métodos de análise ecologicamente específicos ainda estão em processo de formação, temos que confiar na aplicação de abordagens analíticas bem estabelecidas usadas na linguística descritiva e aplicada. Estas, principalmente quando relacionadas a uma ou outra forma de análise do discurso, são válidas e podem ser informativas, desde

que inseridas no arcabouço abrangente da ecologia. Tendo isso em mente, a tarefa do analista da linguagem é, em primeiro lugar, descrever o padrão básico de uma situação de linguagem em uso. Em segundo lugar, as variações no padrão devem ser identificadas, juntamente com as razões e as consequências comunicativas dessas variações do padrão básico. O desenvolvimento de estudos linguísticos sistemáticos de interações comunicativas, em oposição às cadeias descontextualizadas discutidas acima, é particularmente promissor a esse respeito. Estes últimos podem ter seu lugar como pontos de referência, mas apenas no contexto de todos os processos comunicativos, como, por exemplo, na gramática sistêmica, que caminha em direção a uma descrição mais ecológica da linguagem em uso (HALLIDAY, 1985; GARNER, 2003).

Este artigo é uma tentativa muito preliminar de examinar alguns dos problemas envolvidos no desenvolvimento de uma metodologia que pode ser usada para investigar a linguagem como um fenômeno ecológico. Apresentei algumas sugestões provisórias sobre princípios básicos e algumas aplicações para análise de uma MBE. Muito pensamento e avaliação por meio da prática ainda são necessários antes que a linguística possa reivindicar seu lugar entre várias disciplinas que foram transformadas pela aplicação de achados da ecologia. Espero que este modesto artigo encoraje outros acadêmicos a assumir o excitante e recompensador desafio de formular uma MBE.

*Nota

Este texto é uma tradução de “Towards an ecologically informed methodology for the study of language”, de Mark Garner, publicado em *ECO-REBEL* v. 8, n. 2, 2022.

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

Referências

BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles L. ‘Poetics and performance as critical perspectives on language and social life’, *Annual Review of Anthropology*, 19, pp. 59-88, 1999.

BECKER, A. ‘A short essay on languaging’. In: STEIER, F. (org.) *Research and Reflexivity*. Londres: SAGE, p. 226-234, 1991.

CLARK, H. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Fill, A. & Mühlhäusler, P. (eds) (2001) *The Ecolinguistics Reader*, London: Continuum.

Fiske, P. (2019) ‘Linguistics at the end of the Baconian age, or: five essentials of Ecolinguistics—a sceptical interim assessment’ *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem* 5/2, pp. 5—17.

Garner, Mark (2003) ‘Grammar’, ch. 2 in Conlan, C. (ed.) (2003) *Teaching English Language*, Perth: Paradigm Press.

Garner, M. (2004) *Language: An Ecological View*, Oxford: Peter Lang.

Garner, M. (2007) ‘Preaching as a communicative event: a discourse analysis of sermons by Robert Rollock (1555-1599)’ *Reformation & Renaissance Review* 9/1, p. 45-70.

Garner, M. (2014) ‘Language rules and language ecology’ *Language Sciences* vol. 41 Part A, pp. 111-121.

Garner, M. (2005) ‘Language ecology as linguistic theory’ *Kajian Linguistik dan Sastra Sastra (Indonesian Journal of Language and Literature)* 17/33, pp. 91-99.

- Haarmann (1986) *Language in Ethnicity: A View of Basic Ecological Relations*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Halliday, M. (1985) *An Introduction to Functional Grammar*, London: Edward Arnold.
- Halliday, M. (1994) *Language as Social Semiotic*, New York: Chapman and Hall.
- Haugen, E. (1972) "The Ecology of Language", in Dil, A. S. (ed.) (1972) *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*, Stanford: Stanford University Press.
- Hayward, T. (1995) *Ecological Thought: An Introduction*. Cambridge: Polity Press.
- Huddleston, R. (1993) *Introduction to the Grammar of English*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lane, Harlan (1976) *The Wild Boy of Aveyron*, Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Mackey, W. F. (1980) 'The ecology of language shift', in Fill & Mühlhäusler (eds) (2001) pp.67-74.
- Nelde, P. (1989) 'Ecological aspects of language contact or how to investigate linguistic minorities', *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 10/1, pp. 73-86.
- Ortega y Gasset, J. (1963) *Man and People*. New York: Norton.
- Roszak, T. (1980) 'Mysticism and Ecology: The Rhapsodic Intellect', in J. R. Burr and M. Goldinger (eds) *Philosophy and Contemporary Issues*, 3rd Edition, New York: Macmillan.
- Schindler, S., Drożdżowicz, A., & Bröcker K. (eds.) (2020) *Linguistic Intuitions: Evidence and Method*, Oxford: Oxford University Press.
- Stewart, J. (1996) 'The symbol model vs. language', in Stewart, J. (ed.) (1996) *Beyond the Symbol Model: Reflections on the Representational Nature of Language*, New York: State University of New York Press, pp. 9-63.

APÊNDICE

(pelos organizadores do *Boletim do GEPLÉ*)

No livro *Language: An Ecological View* (Oxford: Peter Lang, p. 202, 2004), Mark Garner propôs o que chamou de **método da focalização** (*focussing method*), que ele descreve da seguinte forma:

"o conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face ocupa toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior" (GARNER, 2004, p. 202).

Para mais discussão sobre ecometodologia, ver o artigo "A metodologia na linguística ecossistêmica", *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018, disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

A PROPOSTA DO *GAIACENO* DE PETER FINKE E ALGUMAS DE SUAS IMPLICAÇÕES

Hildo Honório do Couto

Em seu livro recém-publicado *Mut zum Gaiazän: Das Anthropozän hat versagt* (Munique: Oekom Verlag, 192p., 2022), o principal precursor da linguística ecossistêmica, Peter Finke, propõe o conceito de “gaiaceno” que, segundo ele, deveria substituir o de antropoceno, pois, como já diz o título, “Tenhamos coragem para o gaiaceno: o antropoceno falhou”, em tradução livre. No *site* da editora, pode-se ler:

A realidade da Terra é assustadora porque é hostil à diversidade, insustentável e embriagada com o progresso. Estamos atrelados a uma ideologia: o antropoceno. Em vez de deuses, agora acreditamos em nós mesmos, em nosso conhecimento fragmentário superestimado. Muitos dos avanços de que tanto nos orgulhamos trazem as marcas de uma perda de realidade. Eles aparecem na precisão imaginária, nas conexões negligenciadas, no *hype* da digitalização, na crença na tecnologia e em muitos outros erros. Nossa cultura do conhecimento irresponsável tornou o antropoceno possível em primeiro lugar. No gaiaceno, a ciência pode voltar a ser um farol de esperança, desenvolvendo um novo sentido de diversidade, aproveitando o poder das mulheres, abraçando a criatividade crítica da sociedade civil e reconhecendo a dignidade e a racionalidade das culturas indígenas. Um gaiaceno mais modesto e equilibrado é a era humana mais desejável.

<https://www.oekom.de/buch/mut-zum-gaiazaen-9783962383664>.

Quando vi nas aulas de geografia, ainda na juventude, que a terra era um corpo esférico, comecei a pensar que ela seria um ser vivo. A terra, a argila seriam os músculos; as rochas, os ossos; os cursos d’água, o sistema sanguíneo; a vegetação que a cobre, os pelos; o vento, a respiração; os seres vivos seriam os parasitas que vivem sobre ela, uma espécie de piolhos, bernes bichos de pé etc. Isso corresponde em grande parte ao que James Lovelock chamou de **Gaia**, na sua famosa **hipótese de Gaia** (LOVELOCK, 2001; 2006). A propósito, certa feita perguntei ao meu mestre de tai chi chuan em Brasília, o taiwanês Moo Shong Woo, se ele achava que a terra era um ser vivo e ele respondeu: “Eu não tenho nenhuma dúvida”. Tudo isso reforça a proposta do gaiaceno de Peter Finke e a hipótese de Lovelock.

Indo um pouco mais longe, podemos incluir **fitoceno** ou botanoceno (era dos vegetais) e **zooceno** (era dos animais) juntamente com **antropoceno**, somados às bases para as suas existências, ou seja, **geoceno** (a terra, a argila, o solo), **hidroceno** (era da água) e **aeroceno** (era do oxigênio), teríamos um todo abrangido pelo **gaiaceno** (a era do planeta terra) de Peter Finke. Todas essas eras convergem para a era da vida, o **bioceno**. O Sumário do livro é o seguinte, com traduções aproximada:

Inhalt (Índice)

Vorwort: »**Wir sind dran**«, Ernst Ulrich von Weizsäcker (Prefácio: “É a nossa vez”)

Einleitung: Die objektive Zeugin: Über Wirklichkeitsverluste (Introdução: O testemunho objetivo: sobre perdas de realidade)

TEIL I: WEG VOM ANTHROPOZÄN: ÜBER VERGANGENHEIT UND GEGENWART

(PARTE I: Saiamos do antropoceno: Sobre o passado e o presente)

1 Wirklichkeit sieht anders aus: Über Rationalität, Realität und Odile Beauchamps (A realidade aparece de modo diferente: Sobre racionalidade, realidade e Odile Beauchamps)

2 Wir machen es uns zu bequem: Über Sprache, Logik, Ethik und Carl-Friedrich von Weizsäcker (Fazemo-lo confortável a nós mesmos: Sobre língua, lógica, ética e Carl-Friedrich von Weizsäcker)

3 Weitere folgenreiche Irrtümer: Über Vielfalt, Fortschritt, Gewissheit und Aydan Uslu (Outros erros plenos de consequências: Sobre diversidade, progresso, consciência e Aydan Uslu)

4 Herrschende Lehrer: Über Wissenschaftler und P. F. Strawson (Erros dominantes: Sobre cientistas e P. F. Strawson)

5 Alle sind mitverantwortlich: Über eine zukunftsunfähige Wissenskultur und Stefanie Hermann (Todos são corresponsáveis: Sobre uma cultura de conhecimento sustentável e Stefanie Hermann)
Horizonte: Über die Philosophie (Horizontes: Sobre a filosofia)

TEIL II: HIN ZUM GAIAZÄN: ÜBER DIE ZUKUNFT (PARTE II: Em direção ao gaiaceno: Sobre o futuro)

6 Nachbarn der Wissenschaft: Über Machtspiele, Übernahmen und Ervin Laszlo (Vizinhos da ciência: Sobre jogos de poder, apoderação e Ervin Laszlo)

7 Populisten und Etikettenschwindler: Über gescheiterte Erneuerungsversuche und Irmgard Sonneborn (Populistas e rótulos enganadores: Sobre tentativas de inovação fracassadas e Irmgard Sonneborn)

8 Zu große Erwartungen: Über unzureichende Reformen und Joseph Weizenbaum (Expectativas exageradas grandes: Sobre reformas insuficientes e Joseph Weizenbaum)

9 Es gibt eine universale Rationalität: Über noch nicht verbrauchte Chancen und Christiane Busch-Lüty (Existe uma racionalidade universal: Sobre oportunidades ainda não aproveitadas e Christiane Busch-Lüty)

10 Drei wichtige Hoffnungsträgerinnen: Über die Akteure der Zukunft und Paul Feyerabend (Três portadoras de novidades promissoras: Sobre atores do futuro e Paul Feyerabend)

Schluss: Sokrates bleibt aktuell: Über die Skepsis (Final: Sócrates permanece atual: Sobre a dúvida)
Nachwort und Dank (Pós-fácio e agradecimentos)

Literatur (Referências)

Über die Autoren (Sobre os autores)

Referências

LOVELOCK, James E. *Gaia*: Um novo olhar sobre a vida na face da terra. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. *A vingança de gaia*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006.

A título de curiosidade, eis a tabela das eras geológicas segundo o *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language* (new revised edition):

ERA	YEARS AGO	PERIOD	EPOCH	CHARACTERIZED BY	
Archeozoic	5,000,000,000-1,500,000,000			earth's crust formed; unicellular organisms; earliest known life	
Proterozoic	1,500,000,000-600,000,000			bacteria, algae, and fungi; primitive multicellular organisms	
Paleozoic	600,000,000-500,000,000	Cambrian		marine invertebrates	
	500,000,000-440,000,000	Ordovician		conodonts, ostracods, algae, and seaweeds	
	440,000,000-400,000,000	Silurian		air-breathing animals	
	400,000,000-350,000,000	Devonian		dominance of fishes; advent of amphibians and ammonites	
	350,000,000-300,000,000	Mississippian	Carboniferous	increase of land areas; primitive ammonites; development of winged insects	
	300,000,000-270,000,000	Pennsylvanian		warm climates; swampy lands; development of large reptiles and insects	
	270,000,000-220,000,000	Permian		many reptiles	
Mesozoic	220,000,000-180,000,000	Triassic		volcanic activity; marine reptiles, dinosaurs	
	180,000,000-135,000,000	Jurassic		dinosaurs, conifers	
	135,000,000-70,000,000	Cretaceous		extinction of giant reptiles; advent of modern insects; flowering plants	
Cenozoic	70,000,000-60,000,000	Paleogene	Tertiary	Paleocene	advent of birds, mammals
	60,000,000-40,000,000			Eocene	presence of modern mammals
	40,000,000-25,000,000			Oligocene	sabertoothed cats
	25,000,000-10,000,000	Neogene		Miocene	grazing mammals
	10,000,000-1,000,000			Pliocene	growth of mountains; increase in size and numbers of mammals; gradual cooling of climate
	1,000,000-10,000	Quaternary		Pleistocene	widespread glacial ice
	10,000-present			Recent	development of man

3. SIMPÓSIOS E PALESTRAS

-**Hildo Honório do Couto** apresentou a palestra “Ecosystemic Discourse Analysis (EDA)” na International Conference on Ecolinguistics and Ecological Narratives, Department of English (Linguistics & Literature), da Riphah International University, Islamabad, Paquistão, no 10 de março de 2022. O *site* do evento é:

<https://celen.riphah.edu.pk/>

<https://www.riphah.edu.pk/celen-22/>

https://ne-np.facebook.com/RiphahUniversity/videos/department-of-english-linguistics-and-literature-at-riphah-international-univers/544073087283228/?so=permalink&rv=related_videos

* * * * *

-Simpósio Temático “Ecolinguística, Etnociências e Educação do Campo: inter-relações e diálogos possíveis”, coordenado por **Gilberto Paulino de Araújo** e **Adão Fernandes da Cunha**. Sexto Colóquio Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade Federal do Tocantins, de 26 a 27 de maio de 2022. O Simpósio é descrito nos seguintes Termos:

O Simpósio Temático (ST) pretende reunir pesquisas, estudos, projetos ou ações que demonstrem os possíveis diálogos entre a Ecolinguística, as Etnociências e a Educação do Campo. Esta abordagem pode ser direta, tendo em vista a correlação entre os conceitos ou teorias que fundamentam as áreas do conhecimento em pauta; ou indireta, isto é, trabalhos que não necessariamente integrem os elementos conceituais dos três campos do saber em destaque. O objetivo é identificar e compreender as afinidades entre os princípios da Educação do Campo (foco na sustentabilidade) e os elementos teórico-conceituais da Ecolinguística e das Etnociências. Cumpre ressaltar que a Ecolinguística leva em consideração as inter-relações existentes entre língua, povo e meio ambiente (COUTO, 2007; 2016). De maneira mais específica, é possível verificar uma aproximação entre os campos citados nos estudos etnobotânicos, etnoecológicos, etnotoponímicos etc. Serão considerados diferentes métodos e técnicas de pesquisa, dentre eles estudos qualitativos, inter- ou multidisciplinares, etnográficos entre outros. Pretende-se reunir pesquisadores, professores, lideranças e/ou militantes em torno do debate ecológico e da justiça social, de modo a ampliar e integrar as perspectivas teóricas e as práticas da Ecolinguística, das Etnociências e da Educação do Campo.

Site do evento:

<https://sites.google.com/unitins.br/vicoloquio/simp%C3%B3sios-tem%C3%A1ticos>

* * * * *

-**Genis Frederico Schmaltz Neto – Fred** – (Centro Universitário Nossa Senhora Aparecida – UniFANAP-GO) proferiu a palestra “Teoria linguística e ensino de línguas sob o viés da linguística ecossistêmica” no Grupo de Estudos Linguísticos Texto Discurso e Ensino – GELTDE, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, no dia 25 de março de 2022, às 15 horas.

4. EVENTOS

1.The Sixth International Conference on Ecolinguistics (ICE-6)

Language, Time and Sustainability: Ecolinguistics For, With, After and Against the Future, 21 - 24 September 2022, Graz, Austria

<https://ecolinguistics-2022.uni-graz.at/en/conference/>